

VILÉM FLUSSER

O homem é um ser que se realiza manipulando. Duas perguntas se impõem: o que manipula e por quê manipula? As respostas são óbvias: manipula coisas e o faz em busca da felicidade. Embora óbvias, encerram essas respostas toda uma problemática do ser e dos valores. Uma análise das duas respostas resultará, se conduzida sistematicamente, em toda uma ontologia e axiologia. A consideração da manipulação é ponto de partida para toda uma filosofia. O tema é vasto e empolgante, porque diz respeito, imediatamente, ao significado das nossas vidas. O presente artigo não nutre a esperança de poder contribuir "significativamente" para o esclarecimento desse tema. Pretende apenas elucidar-lhe alguns pontos. Afinal, as nossas existências estão lançadas em um meio chamado "São Paulo". É um meio manipulador, "o maior centro industrial da América Latina", e que busca a felicidade de maneira tipicamente manipuladora, inclusive em lugares chamados, sugestivamente, de "inferninhos". Nós paulistas devemos dispor de ~~dezenas~~ experiências pertinentes ao tema.

Estamos aqui, e este fato é indiscutível. Tudo mais, tudo aquilo que nos cerca, é discutível. Chamarei toda aquela circunstância que está diante de nós de "coisas". As coisas que nos cercam formam barreiras. O nosso estar aqui no meio das coisas é um movimento. Chocamo-nos incessantemente contra as coisas. As coisas resistem ao movimento que somos. Esta é a situação na qual estamos. Podemos reagir a ela de duas maneiras. Podemos fechar-nos às coisas. Doravante será o caminho da nossa vida um cambalear entre as coisas. O choque com uma propelerá-nos rumo à outra. Seremos inteiramente condicionados pelas coisas. Não teremos liberdade. A nossa vida será inteiramente determinada, portanto em tese inteiramente previsível. Será um decair surdo e mudo rumo à morte. Será a forma de existir decadente. Ou podemos abrir-nos para as coisas. Essa abertura é a nossa decisão para a manipulação das coisas. A decisão modifica o clima dentro do qual existimos. As coisas que nos barram o caminho não nos angustiam mais, mas nos preocupam. O mundo deixou de ser cárcere, para transformar-se em desafio. As coisas estão diante da nossa mão e é preciso estender a mão, ("manipular"), para alcançá-las e superá-las. A nossa vida será doravante atividade. Essa atividade terá três fases. Pegaremos primeiro as coisas na mão para apalpá-las, isto é "apreende-las". Em seguida recolheremos as coisas para dentro do nosso ser, incorporaremos as coisas na nossa existência, isto é "compreenderemos" as coisas. Por último imprimiremos o estampo da nossa existência sobre as coisas compreendidas, isto é "transformaremos" as coisas em instrumentos. Assim transformadas, deixarão as coisas de desafiar-nos e passarão a servir-nos. Esta é a situação da existência autêntica: diante dela estende-se o desafio do mundo das coisas, e atrás dela estende-se o mundo superado e servil dos instrumentos. No mundo das coisas ela está preocupada, mas no mundo dos instrumentos está abrigada. A manipulação é a atividade que transforma coisas em instrumentos para neles poder abrigar-se. É uma busca de felicidade.

VILÉM FLUSSER

Exemplifiquemos: o polinésio se vê diante de uma árvore que lhe barra caminho. Decide se não admitir que o condicione. Preocupa-se com ela. Procura apreendê-la, compreendê-la e impôr-lhe o seu estampo. O resultado é a transformação da árvore em instrumento, por exemplo em canoa. A canoa atestará, doravante, a passagem do polinésio pela selva virgem do mundo. Será uma conquista a selva a canoa, porque não será ameaçadora, como o era a árvore, mas abrigará o polinésio em sua luta contra o mundo das coisas. A árvore era espantosa. O polinésio sentia nela o poder (fasto e nefasto) daquilo que se esconde atrás das coisas e que por elas transparece. A canoa deixou de ser espantosa. Ao manipular a árvore, superou o polinésio o espanto das coisas. A canoa é bela. Nela transparece a existência humana. Foi articulada em obediência a regras humanas. Essas regras são a estrutura da beleza. O polinésio <sup>impos</sup> a árvore, ao transformá-la em canoa, as regras da beleza. A canoa é uma obra de arte, ("techné"), e é, por isto que o polinésio se sente abrigado por ela. A manipulação é uma atividade técnica, isto é criadora de obras de arte. Ao manipular a árvore, o polinésio recorreu a uma técnica específica, isto é a regras determinadas. Não tinha, neste sentido, escolha. As regras foram impostas por uma tradição da qual o polinésio participa. Essa tradição informa o polinésio, e o polinésio existe, (está aqui), na forma que a tradição prefigura. O polinésio está lançado dentro de um mundo prefigurado pela tradição da qual participa. A sua tradição é o seu "projeto". Transforma a árvore em canoa de acordo com esse projeto. Ao manipular a árvore, realiza o polinésio o seu projeto. Está sendo autenticamente ele mesmo. Busca, autenticamente, a felicidade.

Mas o exemplo não nos diz respeito. Não somos polinésios, mas paulistanos. O projeto que nos lançou para cá é outro. A nossa selva virgem com as suas coisas que nos barram caminho é outra. Os nossos instrumentos, resultados da nossa atividade manipuladora, não são canoas. E a técnica que aplicamos nessa atividade é outra. Permitam que esboça essa técnica com traços rápidos e simplificadores. A primeira fase da manipulação é, como disse, a tentativa de apreender a coisa. Dentro do nosso projeto a coisa é um objeto, e como tal deve ser apreendida. Isto parece óbvio, mas o exemplo do polinésio prova que a objetividade das coisas não está nelas. Para o polinésio a árvore não é objeto, já que não está ligado a ela pela estrutura "sujeito objeto" (Sachverhalt) que nos é imposta a nós pelo nosso projeto. Nós, no entanto, não temos escolha. Devemos tentar apreender as coisas como objetos. Toda a técnica ocidental é resultado dessa imposição que sobre nós pesa pelo menos a partir do Renascimento. Objetos são apreendidos por um processo chamado "generalização" que é uma tradução do nome do objeto para um nome de classe. Por exemplo; o objeto "árvore" é apreendido ao ser traduzido o nome "árvore" para o nome XEM "planta". "Planta" é nome de uma classe, da qual "árvore" é elemento. É assim que apreendemos: "a árvore é uma planta".

ARFEM 47022255

VILÉM FLUSSER

A segunda fase da manipulação é a tentativa de compreender a coisa. Corresponde, no Ocidente, ao que chamamos "teoria". Nessa fase nomes de classes são submetidos a um jogo mental chamado "lógica", e esse jogo funciona tanto melhor, quanto mais amplas as classes com cujos nomes opera. As classes mais amplas são aquelas cujos nomes são símbolos da matemática pura. As teorias tendem portanto para a matemática pura, e o Ocidente tende a compreender as coisas matematicamente.

A terceira fase da manipulação é a transformação da coisa em instrumento. Corresponde, no Ocidente, ao que chamamos "ciência aplicada". Nessa fase o homem ocidental impõe suas teorias sobre o objeto. O instrumento que resulta dessa atividade manipuladora tem a marca da teoria. As regras que nele transparecem são as regras da lógica que tendem para a matemática pura. O mundo dos instrumentos que nos cerca tem essa marca. Sugiro que isto explica o fato curioso que não nos sentimos abrigados pelos nossos instrumentos, mas progressivamente ameaçados por eles. Sugiro que a diferença que existe entre a vivência do polinésio ante a canôa, e a nossa vivência ante um automóvel, é explicável pela origem teórica dos nossos instrumentos.

A técnica manipuladora do polinésio é produto de tradição, a nossa é produto de teoria. É verdade que a teoria é, ela própria, também produto de tradição, mas a fluidez e a maleabilidade das teorias faz esquecer a sua origem. O mundo dos instrumentos do polinésio é tradicionalmente rígido, o mundo dos nossos instrumentos é cientificamente progressivo. A evolução das teorias tem por consequência a modificação progressiva dos instrumentos, e das técnicas que as produzem. O ocidental não pode portanto ser dono da sua técnica e dos seus instrumentos no mesmo sentido, no qual o polinésio é dono da sua técnica e dos seus instrumentos. A fluidez e progressiva complexidade da nossa técnica faz com que cada um de nós seja forçado a "especializar-se", e que esteja sempre ameaçado de ser superado até na sua "especialidade". A fluidez e progressiva complexidade dos nossos instrumentos faz com que todo instrumento seja produto de "equipe". Como indivíduos deixamos de ser autenticamente manipuladores. A nossa atividade manipuladora resume-se à participação de um processo de dimensões supra-individuais, portanto supra-humanos. Em consequência é a nossa técnica uma atividade desumana, e os nossos instrumentos constituem um mundo desumano. São produtos de um projeto que deixou de ser humano. O estampo da teoria que transparece nos nossos instrumentos é, neste sentido, a marca da sua origem desumana. Os nossos instrumentos não são belos como o é a canôa, e se têm beleza, é a beleza fria, calculada e intencional da matemática, para a qual toda teoria tende. Embora sejam artificiais, não são obras de arte os nossos instrumentos. Não são uma autentica articulação da atividade manipuladora. Não nos abrigam. Em consequência, não nos trazem a felicidade.

A nossa técnica é um processo irreversível, Não podemos, em nossa busca de fe

ALFEM ERNEST

VILÉM FLUSSER

licidade, voltar para a época da canôa. A inautenticidade do "do it your self", atualmente em voga nos Estados Unidos, o prova. Estamos lançados, irrevogavelmente, em meio de instrumentos. E é este o ponto para o qual quiz chegar neste meu argumento: os instrumentos que nos cercam são o mundo dentro do qual existimos, são a selva virgem que nos barra caminho. Os nossos instrumentos são as nossas "coisas". São eles que nos condicionam. Embora aparentemente a nosso serviço, são os instrumentos, na realidade, o obstáculo contra o qual nos chocamos. O automóvel é equivalente da árvore do polinésio, e não da canôa. Mas um equivalente artificial é triste. Na árvore polinésia transparece a força oculta atrás das coisas, no automóvel transparece a teoria. Estamos lançados em meio de coisas artificiais, e é por isto que o nosso mundo carece de plena realidade. Os nossos instrumentos, coisas de segundo grau que são, tapam a nossa visão das coisas da natureza, que, por sua vez, tapam a visão do escondido. Somos a dois passos da realidade.

Mas é aqui que estamos. Podemos reagir a esse mundo instrumental de coisas de duas maneiras. Podemos fechar nos, seremos empurrados de instrumento em instrumento num cambalear surdo e mudo rumo à morte. O mundo da tecnologia determinará nossas vidas. Não teremos liberdade. Erraremos, nesse mundo diabólico, de fábrica para televisão, de cinema para "inferninho", nesse inferno do tédio e da inautenticidade. Ou podemos abrir nos para os instrumentos. Essa abertura será a decisão para uma nova manipulação, no sentido de superação do mundo da tecnologia. O desafio que o mundo dos instrumentos nos lança é relativamente recente. Não dispomos ainda de uma técnica para a superação da tecnologia, no sentido no qual o polinésio dispõe de uma técnica para superar a árvore que lhe barra caminho. Mas o exemplo do polinésio nos indica, aqui, o caminho. É por uma arte nova, que sorve a sua seiva do poço do encoberto, que poderemos superar a tecnologia que nos barra caminho. É esse o tipo de atividade para a qual o nosso mundo nos desafia. É esse o tipo de realização para o qual somos chamados. A creio ser essa a nossa busca de felicidade como ocidentais tardios. Se aceitamos a tecnologia tal como ela se nos dá, seremos decadentes. Se procurarmos fazer ela voltar sobre se mesma, seremos reacionários, e, (o que é pior), reacionários frustrados. Mas se tentarmos superá-la, seremos autenticamente nós mesmos.

São Paulo não é apenas o maior centro industrial da América Latina, e um lugar geométrico de "inferninhos". É também um lugar que procura superar o inferno. Com efeito, é um dos poucos lugares no Ocidente, no qual essa tentativa é feita. Por ser infernal como centro manipulador, é São Paulo um desafio. Somos lançados para cá e estamos aqui para ir ao encontro desse desafio. Em São Paulo podemos sentir como depende de nós a decisão para a abertura. Talvez justamente por ser tão radicalmente manipuladora esta cidade. Não é uma aventura existir aqui agora?